

DESENVOLVIMENTO LOCAL, PARTICIPAÇÃO, PRODUTORAS CULTURAIS COLABORATIVAS E MOVIMENTO CONCH@TIVA: POSSÍVEIS RELAÇÕES

LOCAL DEVELOPMENT, PARTICIPATION, COLLABORATIVE CULTURAL PRODUCERS AND CONCH @ TIVA MOVEMENT: POSSIBLE RELATIONS

60

Carlos Eduardo Falcão Luna

carloslunna@tear.art.br

Universidade Federal de Pernambuco

Recife - Pernambuco - Brasil

Submetido em 19 de fevereiro de 2019

Aceito em 05 de maio de 2020

Resumo

Analisar como as ações realizadas pelo movimento Conch@tiva (movimento de ocupação da Concha Acústica da UFPE – Recife-PE) têm relação e podem colaborar com o Desenvolvimento Local pelo uso e dinamização de espaços ociosos da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em Recife, e pela interação com os bairros que se situam no entorno dessa Universidade - constituem o objetivo dos autores neste texto. Para atingir este objetivo, a pergunta de partida assim se expressa: como os processos realizados pelo movimento Conch@tiva apresentam potencial efetivo para significar uma relação de contribuição ao Desenvolvimento Local? Aqui se apresentam elementos de resposta a tal questionamento, balizados nas concepções de autores que teorizam sobre Desenvolvimento Local e sobre participação, dialogando com a observação participante, facilitada pela interação dos autores com o movimento, objeto do presente estudo de caso, considerando o período dos anos de 2013 a 2016.

Palavras-chave: Autogestão; Economia Solidária; Economia Criativa.

Abstract

To analyze how the actions carried out by the Conch@tiva movement (occupation movement of the Concha Acústica of the UFPE - Recife-PE) are related and can collaborate with Local Development through the use and dynamization of idle spaces of the Federal University of Pernambuco (UFPE), in Recife, and through the interaction with the neighborhoods that are located in the vicinity of this University, is the authors' objective in this text. In order to reach this goal, the starting question is expressed: how do the processes carried out by the Conch@tiva movement have an effective potential to signify a Contribution to Local Development? Here we

present elements of response to this questioning, based on the conceptions of authors who theorize about Local Development and about participation, dialoguing with participant observation, facilitated by the interaction of the authors with the movement, object of the present case study, considering the period of the Years from 2013 to 2016.

Keywords: Self-managemen; Solidarity Economy; Creative Economy.

Introdução

O movimento Conch@tiva se caracteriza pela ocupação de um espaço denominado Concha Acústica que integra o Centro de Convenções da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), no *campus* Recife, em Pernambuco, entre os anos de 2012 e 2016. Sob liderança da Produtora Cultural Colaborativa.PE, atuam no espaço ocupado — Concha Acústica — pontos de cultura, telecentros, *hacker spaces*, coletivos, artistas, militantes voluntários, técnicos administrativos e professores. Aí desenvolvem ações culturais, facilitam processos colaborativos e criam soluções econômicas para além das moedas correntes.

A necessidade de ocupar a Concha Acústica se deu pela sua gradativa deterioração, por falta de uso. Isto porque o Centro de Convenções (CECON) da UFPE tem priorizado o espaço de seu anfiteatro para a apresentação de artistas consagrados e eventos acadêmicos pontuais, como aulas magnas e refeições de grau, relegando o espaço da Concha Acústica a atividades esporádicas, como calouradas e festas organizadas por alunos. Reconhece-se que tais iniciativas do CECON têm sua importância, até pelo caráter de intensificar ações que favoreçam a sociabilidade da Universidade. Mas, relegando a Concha Acústica ao segundo plano, o CECON não tem promovido manutenção do espaço em pauta, o que explica a deterioração acima referida.

No ano de 2012, a produtora cultural Colaborativa.PE, empreendimento ligado à Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) Instituto Intercidadania (CNPJ nº 07.553.412/0001-06), sediada no Recife, no Estado de Pernambuco, foi contemplada por edital voltado para a economia criativa, promovido pela Pró-Reitoria de Extensão (PROEXT/UFPE), iniciando a utilização do espaço da Concha Acústica da UFPE como sede. Em contrapartida, a

produtora instalaria um telecentro, ofereceria formações em *softwares* livres, promoveria eventos culturais e de formação no local, e serviria de incubadora para pontos de cultura, outros coletivos, artistas e cidadãos interessados pelo campo da cultura.

A partir de então, houve a mobilização dos pontos de cultura Laia Laboratório (Camaragibe/PE), Coco de Umbigada (Olinda/PE), pontão de cultura digital iTEIA, Instituto Intercidadania e TV Comunitária Canal Capibaribe (primeira TV Comunitária do Nordeste) e também a instalação de um telecentro com onze computadores doados pelo Centro de Recondicionamento de Computadores do Grupo Marista de Educação (CRC/Marista). Os telecentros fazem parte de uma política pública do governo federal para a instalação de locais com acesso à internet que sejam públicos, e que objetivam a inclusão dos envolvidos no mundo da informática como ferramenta para a educação. Uma boa caracterização da política de telecentros pode ser encontrada em um vídeo realizado pelo coletivo Tear Audiovisual (PASSOS, 2014).

As atividades foram iniciadas com base nas metodologias desenvolvidas pelos coletivos que atuam de acordo com os pilares da Tecnologia Social das produtoras culturais colaborativas. Desenvolvidas no âmbito do Fórum Social Mundial (FSM) de Porto Alegre a partir da edição de 2004, com o objetivo de fazer a cobertura colaborativa do evento, depois da avaliação dos participantes, em que a mídia corporativa não dava a atenção necessária ao Fórum, a tecnologia social foi consolidada como metodologia para trabalhos colaborativos para além de eventos pontuais, no âmbito do FSM de 2009, realizado em Belém do Pará. No ano de 2010, surgiu a Colaborativa.PE em Pernambuco, primeira produtora cultural Colaborativa do Brasil (JATOBÁ e VILUTS, 2010).

No ano de 2015 a tecnologia social das produtoras culturais colaborativas foi certificada pela Fundação Banco do Brasil, e passou a fazer parte de seu banco de tecnologias sociais (<http://tecnologiasocial.fbb.org.br/tecnologiasocial/banco-de-tecnologias-sociais/pesquisar-tecnologias/detalhar-tecnologia-350.htm>). No último mapeamento, realizado no biênio 2017/2018, 31 organizações de todas as regiões do Brasil afirmaram utilizar a tecnologia social.

É ancorado por estes pilares que o movimento de ocupação da concha acústica da UFPE, campus Recife, se organizou. A ocupação foi descontinuada no ano de 2016 através de solicitação da UFPE para início de uma reforma, a qual no ano corrente (2019) se encontra em andamento. Tentar compreender como os processos realizados pelo movimento Conch@tiva apresentam potencial efetivo para significar uma relação de contribuição ao Desenvolvimento Local, foi a questão de partida que orientou a pesquisa da qual resultou o presente texto.

Material e Método

Para tornar possível nossa investigação, lançamos mão das técnicas da observação participante, pesquisa documental e estudo de caso, para depois relacionarmos os dados empíricos com a bibliografia disponível no que diz respeito, sobretudo, às noções de Desenvolvimento Local, território, Economia Solidária e metodologias participativas.

A definição de observação participante, cunhada por Pedro Demo (2008), infere que “não apenas o envolvimento temporal do pesquisador, mas o seu pertencimento e vivência da realidade pesquisada, sem olhar externo, mas mantendo o olhar analítico inerente a sua pesquisa” (DEMO 2008, p.18).

A observação participante foi facilitada pela interação constante dos autores do presente artigo com o movimento Conch@tiva, desde o ano de 2013, no qual tem executado tarefas como a criação do plano de comunicação, desenvolvimento da moeda social Concha e elaboração de projetos culturais. Este é membro fundador do coletivo Tear Audiovisual, que desenvolveu ações cineclubistas nos eventos do movimento Conch@tiva e em outros espaços públicos, além da produção de vídeos e coberturas de eventos.

A partir da observação participante, a coleta de dados se deu no âmbito das reuniões semanais e dos eventos, nos quais trabalhou-se, em alguns momentos, no apoio à produção e em outros na execução de ação cineclubista. No âmbito do plano de comunicação, destaca-se a participação no planejamento para a divulgação das ações na *internet*, na Universidade Federal de Pernambuco, e com a mídia comercial e mídia alternativa. No que se refere às moedas sociais, contribuiu-se na produção de filmes educativos sobre o uso da moeda. Já a elaboração dos

projetos, em sua maioria, foi para a captação de recursos junto ao governo federal, sobretudo para o fomento da rede nacional de produtoras culturais colaborativas.

A pesquisa documental se deu a partir das pautas das reuniões semanais e consequentes sistematizações, facilitada pela vasta documentação encontrada na plataforma Corais (<http://www.corais.org/conchativa/>), plataforma de gestão em que as ações do movimento Conch@tiva são elaboradas. Nesta etapa, buscou-se compreender como se deu a participação dos atores sociais envolvidos, com ênfase na participação de agentes dos bairros do entorno da UFPE, como Engenho do Meio, Várzea, Cidade Universitária, Caxangá, na cidade do Recife. São eles, entre outros, o movimento cultural da Várzea, a banda de *reggae* N`zambi, o *rapper* Pixote, e o mestre de côco de roda, mestre Zé Lasca Vara.

Pode-se definir como universo temporal, contemplado no plano de pesquisa, o período compreendido entre os anos de 2013 e 2016.

Quanto à literatura, dialogou-se mais intensamente com autores como Franco (1998) e Jesus (2003), no que concerne ao conceito de Desenvolvimento Local; em relação à Economia Solidária, Singer (2002) e Gadotti (2009); no tocante à participação, Cançado (2008) e Lück (2008), entre outros.

Resultados e Discussão

A consolidação da produtora cultural colaborativa, como tecnologia social, se deu (i) na ação integrada e sustentável com a UFPE e os bairros em seu entorno, e com alguns pontos de cultura do Estado de Pernambuco, (ii) na melhoria da qualidade de vida e de modos de vida mais sustentáveis para a população atendida através do comércio justo e da consideração das abundâncias locais, (iii) na institucionalidade das articulações em rede, (iv) na participação de movimentos sociais locais, (v) na construção de uma dinâmica que estabelece algum distanciamento da lógica do mercado, como o uso de moedas sociais, na mobilização de diversos tipos de recursos, (vi) na capacitação para o desenvolvimento a partir de ciclos de formação continuadas e (vii) na base de informação desagregada e adequada às necessidades locais, através do uso de plataformas livres e da comunicação popular, como a bicicleta colaborativa.

A proposta das produtoras culturais colaborativas pode ser compreendida como “*Tecnologia Social voltada para o Desenvolvimento Local de determinadas comunidades e grupos culturais*”, sempre visando à promoção do compartilhamento “*de conhecimentos tecnológicos livres, a autogestão dos projetos e empreendimentos coletivos, a sustentabilidade dos grupos envolvidos e a produção da comunicação comunitária através das mídias populares e digitais*” (CUNHA, GAMA, JATOBÁ, 2014, p.11).

Diante desse conceito, as produtoras culturais colaborativas se orientam por dois pilares, que são o da Economia Solidária e o da utilização de *softwares* livres em seus processos. Segundo Singer (2002, p.10), a Economia Solidária é o “*modo de produção cujos princípios são a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual*”. Já os *softwares* livres têm, segundo Cunha e Filho (2013, p.10), “*como principal característica a abertura do código, em oposição ao software proprietário, que possui o código fechado, ou seja, o usuário apenas utiliza o produto sem saber do que ele é feito e o que existe programado nele*”. Portanto, os *softwares* livres podem ser apropriados e customizados por qualquer usuário, conferindo autonomia aos processos.

Passemos, então, às discussões sobre as principais noções utilizadas para ajudar na resposta da pergunta/problema. Em destaque, as noções de Desenvolvimento Local e de participação nos parecem importantes ferramentas para o presente estudo de caso.

Quanto a Desenvolvimento Local, a despeito das apropriações que se podem fazer do uso de tal expressão — Desenvolvimento Local, por parte do poder público, da academia e de vários setores da sociedade —, pretende-se levantar parâmetros que nos deem substância para uma perspectiva analítica do termo e assim podermos remeter essa noção às ações do movimento Conch@tiva, na tentativa de caracterizar a relação desse movimento com o Desenvolvimento Local.

Do ponto de vista semântico, se convencionou a utilizar o termo *desenvolvimento* quase sempre com uma adjetivação. Ou seja, falar de *desenvolvimento* sem adjetivá-lo como *local*, *sustentável*, *rural*, etc., muitas vezes parece vago. Outra concepção implícita, quando se utiliza o termo *desenvolvimento*, é a de que ele remete ao desenvolvimento econômico. Reconhecemos as

várias possibilidades de utilização da noção de *desenvolvimento*, porém não pretendemos adentrar nessa questão mais detidamente. Em vez disso, nos concentraremos, efetivamente, em alguns exercícios teóricos consagrados, no que diz respeito a uma conceituação operacional de Desenvolvimento Local.

Intentando-se objetivar Desenvolvimento Local, definições podem ser encontradas em obras de autores como Jara (1998), Abramovay (2000), Oliveira (2001), Buarque (2002), Jesus (2003). Este último, por exemplo, coloca que: “*Desenvolvimento Local é entendido como um processo que mobiliza pessoas e instituições buscando a transformação da economia e da sociedade locais, superando dificuldades para favorecer a melhoria das condições de vida da população local*” (JESUS, 2003, p.72). Considerando que essa é uma conceituação adequada, mas que muitos processos podem advir deste exercício teórico, a formulação de Augusto de Franco (1998, pp.7-19) apresenta um conjunto de dez consensos sobre o Desenvolvimento Local. Parece importante cotejar tais consensos com a perspectiva da presente pesquisa: o movimento Conch@tiva contribui para o processo de Desenvolvimento Local? É o que se empreenderá a seguir:

a) *O Desenvolvimento Local deve ser integrado e sustentável* (FRANCO, 1998, p.07) - Toda a dinâmica do movimento Conch@tiva se centra na perspectiva da integração a partir do momento em que procura integrar em suas ações a comunidade acadêmica, os bairros do entorno da UFPE e os pontos de cultura de Pernambuco. Integra-se, também, a redes nacionais, como a rede nacional de pontos de cultura, movimentos em favor do *software* livre e a própria rede nacional de produtoras culturais colaborativas. No que concerne à sustentabilidade, este é um termo que muitas vezes tem sido associado à sustentabilidade ambiental (MILANEZ, 2003); portanto, assim como o termo *desenvolvimento*, *sustentabilidade* carece de adjetivação. Contudo, ao mapear a área verde do entorno da Concha Acústica e remunerar os benfeitores com moedas sociais, o movimento Conch@tiva preserva o meio ambiente do local. No entanto, é na dimensão da sustentabilidade econômica que o movimento se destaca, sobretudo através da moeda social Concha, criada para balizar trocas entre o movimento e comerciantes do bairro ou quaisquer

colaboradores. Essa medida é interessante no sentido em que permite mobilizar recursos materiais e simbólicos sem necessariamente precisar da mediação de moeda corrente.

b) *Dizem respeito aos objetivos do Desenvolvimento Local integral e sustentável: melhoria da qualidade de vida e conquista de modos de vida mais sustentáveis para as populações* (FRANCO, 1998, p.08) - Do ponto de vista da qualidade de vida e de modos de vida mais sustentáveis, o movimento Conch@tiva, ao promover a Economia Solidária, incentiva o comércio justo e a consideração dos recursos (materiais e simbólicos) locais para o proveito da própria população. Essa postura oportuniza os cidadãos a desenvolver suas habilidades na própria localidade, promovendo o sentimento de solidariedade na comunidade. Além de despertar o senso de pertencimento a equipamentos públicos, por exemplo, a Concha Acústica, a Praça da Várzea e outros lugares públicos ocupados na cidade do Recife.

c) *Diz respeito às condições políticas e institucionais* (FRANCO, 1998, p.9) - No movimento Conch@tiva, percebemos duas dinâmicas concomitantes, no que concerne às condições políticas e de institucionalização. Uma diz respeito à articulação dos pontos de cultura, artistas, militantes e demais envolvidos, pois, articulando-se em rede, criam uma institucionalidade que advém do sentido de comum e que se mobilizam em torno das suas realizações, além de pressionar o poder público. A outra vem do próprio poder instituído. Como ressaltamos, a ocupação teve anuência da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade, ao mesmo tempo em que se medem forças com o principal gestor da Concha Acústica, o CECON. Se quisermos alargar mais a discussão, citaremos também, do ponto de vista do poder público, a participação das secretarias nacionais de economia criativa e Economia Solidária, que têm promovido editais públicos de fomento, nos quais o Conch@tiva busca subsídios.

d) *Sobre a participação do poder local* (FRANCO, 1998, p.12) - Se considerarmos o poder local como a administração da Universidade, o movimento teve a anuência da PROEXT, ao mesmo tempo em que ocupa um espaço que deveria ser melhor assistido pelo CECON. Se

considerarmos como poder local a administração municipal, a Prefeitura do Recife, não existe parceria com o movimento, deixando aquela muito a desejar em sua participação em movimentos autogestionários e comunitários.

e) *Sobre a participação da sociedade. O Desenvolvimento Local e integrado requer, para sua viabilização, a parceria entre Estado, mercado e sociedade civil* (FRANCO, 1998, p.13) - A participação no movimento Conch@tiva pode ser mais facilmente observada no que diz respeito à sociedade civil e a pequenos comerciantes do bairro da Várzea, localizado nos arredores da UFPE. Alguns comerciantes trocaram serviços com o movimento Conch@tiva, desde refeições até lavagens de carro e artigos de tabacaria em troca de publicidade na bicicleta colaborativa ou serviços de *design*, como criação de logomarcas para os estabelecimentos. Algumas ações no bairro, como o Festival de Inverno da Várzea (FIV), também são exemplos da participação da sociedade civil na ocupação. Até porque bandas locais, como a banda de *reggae* N`zambi, fizeram *shows* na Concha Acústica, trazendo o público local para o espaço.



Figura 1 – Folder 2015

A Figura 1 evidencia a situação de participação. Como se lê, o evento *LIBERTA.PE/Reggae na Concha ramificando a cultura livre* teve sua programação centrada em Roda de Conversa, com a participação de cerca de cem pessoas, conforme relatório em poder dos pesquisadores; a revolução dos cocos que consistiu em uma ação cineclubista, que também abordou os conhecimentos livres através da narrativa de um documentário sobre uma comunidade tradicional que otimizava o uso do coco; e o Reggae na Concha, que foi a culminância do evento com apresentação da banda de reggae N`zambi, oriunda do bairro da Várzea, no Recife, e uma das mais influentes bandas do segmento no Estado de Pernambuco. O evento denota a participação de diversos atores sociais, aglutinados em torno do movimento Conch@tiva.

f) *Diz respeito à construção de uma dinâmica econômica que não pode ficar inteiramente nas mãos do mercado* (FRANCO, 1998, p.14) - Conforme podemos observar nos consensos analisados até aqui, o movimento Conch@tiva buscou uma dinâmica econômica que passa ao largo das metodologias criadas pelo mercado. A criação das moedas sociais e a valorização dos recursos endógenos são basilares na construção da sustentabilidade econômica da ocupação, bem como em sua relação com o comércio local, tendo como princípio atuar de acordo com as premissas desse consenso.

g) *Se refere ao financiamento: Transferência de recursos exógenos e a mobilização de recursos endógenos, públicos e privados* (FRANCO, 1998, p.16): Do ponto de vista dos recursos internos, a maioria provém de editais públicos de fomento e prestação de serviços. Nos campos da cultura, comunicação, tecnologia e educação, nos quais a atuação do movimento é mais incisiva, a maioria dos aportes angariados é através de recursos públicos. Contudo, como esses possuem alto grau de imprevisibilidade nos prazos de repasse das verbas e são ofertados mediante uma prestação de contas burocrática e rigorosa, são os recursos endógenos que o movimento procurou mobilizar, a partir do entendimento que esse tipo de recurso pode garantir uma dinâmica que subsidie as ações no local.

h) *Trata da capacitação para o desenvolvimento* (FRANCO, 1998, p.17) - A capacitação no movimento Conch@tiva ocorreu através de ciclos de formação em Economia Solidária e na utilização de *softwares* livres. Deste modo, ficam contemplados os dois pilares da Tecnologia Social das produtoras culturais colaborativas, e se favorece a formação de quadros para atuar na produção cultural comunitária e na autogestão de empreendimentos locais. As formações realizadas na Concha Acústica da UFPE contemplaram a dimensão da aquisição de uma competência para atuar no campo da cultura, tecnologia ou comunicação, como cursos de fotografia, edição de vídeo, jornalismo colaborativo, edição de áudio, *streaming* e *web rádio*, *design*. Os cursos contemplaram também a dimensão da gestão, ao promover um módulo dedicado à autogestão com Economia Solidária.



Figura 2 – Cartaz de divulgação ciclo de formação 2016

Quanto às capacitações empreendidas pela Colaborativa.PE, a figura acima dá conta de um aspecto importante de um movimento como o Conch@tiva que é a necessidade de formar quadros, aptos para atuar na produção cultural comunitária utilizando recursos e conhecimentos livres. Com este intuito, a formação contou com cursos de áudio e produção musical, *design* gráfico, jornalismo colaborativo, gestão e economia solidária. Todos com aulas práticas, exercitadas nas próprias ações do movimento Conch@tiva, empoderando diversos sujeitos residentes nas comunidades do entorno da UFPE, em Recife, além de estudantes e servidores da mesma universidade, o que gerou um ciclo de participação e apropriação tecnológica.

i) *Fala da informação: nova base de informação desagregada* (FRANCO, 1998, p.18) - O movimento Conch@tiva utiliza a plataforma Corais (corais.org/conchativa/) como ferramenta de gestão e base de dados do que ocorre no movimento. Através dessa plataforma, são operadas as trocas balizadas por moeda social e mapeados os empreendimentos locais que podem colaborar com as ações. Apesar de não ser uma base de dados que agregue informações gerais da UFPE e seu entorno, possui o potencial de agregar os dados inerentes à ocupação da Concha Acústica e abastecer de informações a serem compartilhadas com a comunidade do entorno.

j) *Diz respeito à comunicação: estratégias de comunicação e marketing compatíveis com as necessidades locais* (FRANCO, 1998, p. 19) - A estratégia de comunicação, promovida pelo movimento Conch@tiva, que mais dialogou com a UFPE, e bairros adjacentes, foi a bicicleta colaborativa. Essa bicicleta funcionou com um equipamento de som e circulou na Universidade e fora dela, divulgando produtos e eventos do movimento, bem como servindo de publicidade para empreendimentos locais, que trocaram a exposição na bicicleta por refeições, artigos de tabacaria e lavagens de carro. Entretanto, essa não foi a única estratégia, sempre se tentou pautar os jornais diários, bem como a própria assessoria de comunicação da UFPE.

Além dessas evidências empíricas, que dão margem à identificação da relação do movimento Conch@tiva com os dez consensos para o Desenvolvimento Local sustentável a partir das proposições elencadas por Augusto de Franco (1998), parece importante uma discussão em torno das condições de participação que o movimento Conch@tiva promove no intuito de lograr êxito em suas ações.

Desenvolver ações no âmbito local parece intuitivo, afinal é no espaço do local em que a dinâmica social acontece de fato. Parece fundamental entender as novas configurações espaciais, nos moldes que introduzimos acima. Contudo, é no local que todas as estratégias se concretizam. Portanto, muitas vezes pode-se pensar como um processo natural que os cidadãos entendam o lugar como um espaço comum a todos.

Para que este comum de fato seja trabalhado como tal, é preciso saber quais estratégias e quais recursos poderão ser mobilizados, pois é preciso ter em vista que muitos dos atores locais vivem e trabalham em outros territórios, e que a entrada do grande capital nesses locais é muitas vezes sazonal e direciona seus ônus em outras perspectivas.

Faz-se necessário criar um conjunto de condições para planejar e executar um Desenvolvimento Local. No caso do movimento Conch@tiva, observou-se a necessidade inicial de mobilizar recursos humanos para reestruturar um espaço que se encontrava obsoleto e em consequente deterioração. A partir de então, mobilizaram-se os coletivos que participaram da ocupação, bem como estudantes, professores e servidores da Universidade.

A primeira questão que se colocou no momento foi: como fazer com que esses atores sociais enxergassem o espaço da Concha Acústica como um bem comum? Como motivar essas pessoas para a colaboração, valorizando seu trabalho, sem que elas se sentissem em uma relação de mero assistencialismo com o espaço?

Criou-se, então, a moeda social Concha, com o objetivo de balizar trocas entre os empreendimentos solidários autogeridos na Concha Acústica e os facilitadores das ações. Foi criada uma tabela de demandas (disponível em <<http://corais.org/conchativa/node/76663>>, acessado em 15 de novembro de 2019), concernente à adoção da área verde, ao apoio à produção de eventos, por exemplo, e outra de ofertas, que vão desde *souvenirs* (adesivos, *bottons*, camisetas) até produção de vídeos e formação em produção cultural comunitária e produção cultural com uso de *softwares* livres (disponível em <<http://corais.org/conchativa/node/76660>>, acessado em 15 de novembro de 2019).

Com relação ao uso das moedas sociais no território, Regala (2017) entende moeda social como “uma proposta de (re)enraizar a moeda no território, à medida que promove uma dinâmica de autogestão, ou seja, da autonomia de um grupo sobre as riquezas geradas por eles” (REGALA, 2017, p.12).

Os empreendimentos solidários existentes na ocupação foram: o MujiCafé, que é uma estrutura itinerante para vender cafés, sucos e lanches em dias de eventos na Concha Acústica. Esse empreendimento atendeu a uma demanda por esses produtos nos dias dos eventos, sobretudo porque os locais que os fornecem na Universidade são distantes da Concha Acústica ou estão fechados nos horários dos eventos; a produtora cultural Colaborativa.PE, que atende às demandas de pontos de cultura e diversos coletivos em desenvolver carreiras, elaborar e escoar produtos culturais, *shows*, cineclubismo e formação; e a bicicleta colaborativa, criada no âmbito do Oxente *Hacker Space*, *hacklab* que funcionou na Concha Acústica e atendeu a demandas de divulgação dos eventos na própria Concha, além de divulgar empreendimentos do bairro da Várzea.

Entretanto, não somente a instalação dos empreendimentos é suficiente para mobilizar coletivos, estudantes e a comunidade do entorno. É preciso estabelecer dinâmicas que facilitem a

participação. Do ponto de vista do planejamento, a utilização da plataforma Corais (<http://corais.org>) é um importante instrumento. Criado pelo Instituto Faber-Ludens, o Corais é uma interessante ferramenta, pois comporta uma série de funções, como planilhas, textos colaborativos, mapas mentais, calendários, tarefas, sugestões, votação, que facilitam a participação, inclusive em horários em que as pessoas não podem estar presentes fisicamente.

Outra dinâmica do ponto de vista da gestão eram as reuniões semanais do movimento Conch@tiva, abertas a quaisquer participantes, todas ocorridas às sextas-feiras, na própria Concha Acústica. Era um momento de pautar as demandas, receber sugestões e planejar ações futuras. Os atores sociais podiam participar dessas reuniões presencialmente ou *online*, via ferramenta “texto colaborativo”, que se encontra no perfil do movimento Conch@tiva na plataforma Corais, [ilustra-se com um texto colaborativo da reunião de 14/11/2014, disponível em <<http://corais.org/conchativa/node/83112>>, acessado em 15 de novembro de 2019; no espaço em branco da página, está a lista de presentes e a pauta. Na barra à direita, há um *chat*, em que se pode debater a pauta].

No que concerne à produção cultural, foram realizados eventos na própria Concha Acústica, como o São Sambas (que mobilizou mestres da cultura popular de manifestações como coco, maracatu, afoxés), o Palco Livre (que era uma seletiva de bandas ranqueadas pelo volume de conteúdos livres disponibilizados para o público, em que se classificavam quatro por mês para a seletiva, e oito por ano para participar do evento Expoidea: a feira do futuro), o Cine Concha (exibição de filmes compondo a programação dos eventos) e o Liberta.PE (debates e ações na temática do *software* livre), além de dois ciclos de formação por ano, em que foram ministrados os cursos de produção cultural comunitária, com um módulo direcionado para a produção de produtos culturais utilizando *softwares* livres e um segundo módulo voltado para a gestão de empreendimentos criativos. O movimento também participou e apoiou ações no bairro, como o FIV e a ocupação do casarão da Várzea.

A economia solidária, enfatizada também pelo uso de moedas sociais no território, potencializa a mobilização de recursos endógenos na comunidade, com os agentes locais, tendo poder de decisão sobre estes processos, conforme se ressalta:

[...] o caráter verdadeiramente endógeno da experiência com moedas sociais compreende a capacidade de produzir/comercializar/consumir produtos e prestar/contratar serviços de forma a reproduzir as diversidades locais como potencial de apropriação do espaço da cidade, ultrapassando, assim, a ideia do desejado crescimento econômico local para alcançar possibilidades também de desenvolvimento político e cultural de sua população (REGALA, 2017, pp.17-18).

Conforme o exposto, não só as noções do que seria o Desenvolvimento Local, a partir da perspectiva dos próprios agentes locais, ou uma noção concreta de território, são o bastante para se estabelecer uma relação em comum com a localidade, nem tampouco conseguir desenvolver ações efetivas nela. É preciso uma série de dinâmicas interligadas, que facilitem a participação e criem as condições de desenvolver tarefas em que uma gama considerável de atores sociais esteja engajada.

Para Lück (2008, p.29), participação é a *“Força de atuação consciente pela qual os membros de uma unidade social reconhecem e assumem seu poder de exercer influência na determinação da dinâmica dessa unidade, de sua cultura, de seus resultados”*. Essa definição se aproxima do sentido de participação praticado pela produtora Colaborativa.PE, que se envolve de instrumentos que criem as condições para a participação.

Por fim, convém registrar que as dificuldades, os obstáculos são muitos. Felizmente, parece que é também consensual considerar dificuldades, obstáculos das mais diversas naturezas como oportunidade de reflexão, visando sua superação, passando por aprendizagens.

Pode-se também estabelecer considerações em torno das discontinuidades e das perspectivas da situação em análise. Assim, considera-se que, apesar do sucesso da aplicação das metodologias da Tecnologia Social das produtoras culturais colaborativas na UFPE e seu entorno, o movimento Conch@tiva vem passando, desde 2016, por uma discontinuidade provocada por conflitos de interesses no âmbito da relação institucional com a UFPE. Conflitos que se manifestaram na pós-eleição para a reitoria, no ano de 2015, ano que se seguiu, por exemplo, a dificuldade de trabalho no espaço da Concha Acústica, ao serem cortadas, inicialmente, a internet do local e, em seguida, a eletricidade. Em setembro de 2016 foi solicitada

a desocupação do espaço, sob alegação de ser feita uma reforma no local. Somente em março de 2017 é que foi assinado o convênio para a reforma. A falta de apoio às ações demonstra a falta de prioridade de entidades ligadas ao Estado com projetos que promovam o desenvolvimento local, o que compromete mais diretamente o consenso d), e tem rebatimento nos consensos e) e g), na argumentação de Franco (1998).

Deve-se destacar que, com ou sem continuidade, os processos empreendidos pelo movimento Conch@tiva e, em especial, pela Colaborativa.PE foram e são marcados pelas dificuldades presentes em tais contextos: quase ausência de financiamento ou financiamento extremamente limitado e quase sempre descontínuo, rotatividade significativamente alta entre o pessoal que participa, sobretudo no segmento estudantes, dada a própria dinâmica de matrícula, de término de curso, por exemplo, sem contar eventuais conflitos entre os próprios gestores, em razão, seja de alguns encaminhamentos às vezes conflitantes, sejam os condicionamentos e determinantes de história de vida, visão de mundo e posicionamentos políticos. Pode-se, contudo, afirmar que, no caso em análise, tais situações se constituem oportunidades de aprofundamento e de crescimento.

Contudo, atestamos que a institucionalidade mais consistente gerada pelo movimento Conch@tiva foi a atuação em rede com os pontos de cultura, telecentros, cooperativas que integram a rede nacional de produtoras culturais colaborativas, e do ponto de vista territorial com os movimentos culturais e sociais existentes nos bairros do entorno da UFPE. Participações em ações, como o Festival de Inverno da Várzea, a ocupação do casarão da Várzea e as negociações em moeda social com os comerciantes do bairro, foram processos institucionais que se mostraram mais longevos do que parcerias com entidades estatais que mudam de diretriz conforme alteram periodicamente seus quadros.

Os integrantes do movimento têm continuado a disputa pelo espaço público do campus da UFPE, Recife, e com o apoio do Centro de Educação da UFPE, vêm tecendo outras parcerias para desenvolver a Tecnologia Social das produtoras culturais colaborativas neste centro e no próprio entorno expandido da zona norte do Recife, como a parceria com o Polo de Formação e Reúso de eletroeletrônicos do Recife (<https://polo.rec.br>), o que tende a manter a integração

entre os estudantes, servidores, professores e comunidade do entorno, condição fundamental para a continuidade de um desenvolvimento local sustentável no território.

Conclusão

Retomemos aqui o nosso problema de pesquisa, enunciado na introdução deste artigo: os processos realizados pelo movimento Conch@tiva têm potencial efetivo para o Desenvolvimento Local ou são ações pontuais sem maiores relevâncias estruturantes?

Construímos uma narrativa e a argumentação em resposta a tal questão a partir de consensos indicados por Franco (1998) em torno de Desenvolvimento Local. Podemos inferir que boa parte dos dez consensos evocados por esse autor dialoga fortemente com as ações do movimento Conch@tiva.

Consideramos que os anos de 2012 e 2013 foram de organização da ocupação, e, a partir de 2014, foram planejadas ações que se expandiram para o entorno da UFPE. Devemos considerar também que, ainda que as ações fossem restritas a dar conta apenas das demandas da ocupação da Concha Acústica, em si, já teriam rebatimento direto na comunidade acadêmica e na população que mora próximo à Universidade. Isso porque os ciclos de formação e os eventos são ofertados para o público em geral, e não apenas para estudantes, técnicos e coletivos mais ativos na ocupação.

A mobilização de recursos endógenos foi efetivada pelas ações do movimento, como tentamos demonstrar, visando a capacitarem e darem visibilidade às manifestações culturais e à integração do comércio local. A participação da população foi estimulada ao envolver a comunidade nas trocas solidárias, na divulgação de eventos e empreendimentos locais, na abertura das reuniões presenciais, além da possibilidade de se participar *online* das reuniões e ter voz ativa nos processos de tomada de decisão.

Do ponto de vista das estratégias de comunicação, elas são diversificadas, pois se utiliza de mídias convencionais (jornais de circulação diária, rádios, assessoria de comunicação da UFPE) e de mídias alternativas (*blogs*, rádios comunitárias, plataformas de mídia livre), além da bicicleta colaborativa, que circulava na Universidade e seu entorno com uma caixa de som,

divulgando ações do movimento e empreendimentos locais, e materiais impressos como *banners*, cartazes, adesivos, camisetas e *bottons*.

No que concerne a não depender do mercado para realizar as ações, o movimento buscou a alternativa da moeda social para balizar algumas trocas com o comércio local e mobilizar recursos humanos para a ocupação da Concha Acústica. As pessoas que trabalharam em produção de eventos, coberturas, registros, podiam trocar Conchas por cursos de formação, brindes e produtos do MujiCafé. O comércio local trocava refeições e serviços por divulgação na rádio ciclo, de maneira que há a iniciativa de tentar realizar ações sem a necessidade premente de moeda corrente.

Contudo, a provisão econômica da própria Concha, do comércio local e dos colaboradores dos pontos de cultura, produtoras colaborativas e artistas é uma realidade que ainda não foi plenamente atingida, em três anos de ocupação. É preciso salientar que é processual a construção de uma outra economia, mesmo que em um espaço territorial restrito. Além de que, tomando ainda como referência os consensos sobre o Desenvolvimento Local, a participação do poder público ser uma lacuna, se fosse mais efetiva em seu fomento, poderia ter acelerado o processo de criação de alternativas econômicas para o movimento.

A estrutura de Estado atual, sobretudo nas estratégias para os setores da cultura, comunicação e tecnologia, está baseada em uma política de chamadas públicas via edital. Se por um lado este é um cenário mais positivo do que meramente distribuir os recursos por influência política, por outro torna muito burocrático o acesso aos recursos, além de serem constantes os atrasos nos pagamentos (o que compromete o planejamento) ou mesmo o não repasse de recursos aprovados em edital público.

Se constituem, então, como principais desafios para o Desenvolvimento Local, no contexto do movimento Conch@tiva, a maior participação do poder público e o constante processo de formação. Ainda que se promovam ciclos regulares de formação, eles podem sempre ser ampliados e mais pulverizados nos bairros do entorno. O principal potencial do movimento Conch@tiva, como agente facilitador do Desenvolvimento Local, foi o de valorizar as

abundâncias materiais e simbólicas que enriquecem os espaços das comunidades e da Universidade, estimulando sua criatividade e o senso de comunidade entre os envolvidos.

Referências

ABRAMOVAY, Ricardo. O capital social dos territórios: repensando o desenvolvimento rural. **Revista Economia Aplicada**. N.2 Vol.IV: pp.379-397. São Paulo: abril-junho, 2000.

BUARQUE, Sérgio C. **Metodologia do planejamento do desenvolvimento local e municipal sustentável**. Brasília: INCRA, 1999.

CANÇADO, Airton Cardoso. A construção da autogestão em empreendimentos da economia solidária: uma proposta metodológica baseada em Paulo Freire. In: **Gestão Social: práticas em debate, teorias em construção**. Org. CANÇADO, Airton Cardoso, et. al. Juazeiro do Norte: Laboratório Interdisciplinar de Estudos em Gestão Social, 2008.

CUNHA, Larissa Carreira; GAMA, Jader; JATOBÁ, Pedro Henrique. **A Experiência das Produtoras Culturais Colaborativas para o Desenvolvimento Local**. In: Workshop de Software Livre, WSL2014 – XV Fórum Internacional de Software Livre, Porto Alegre, 2014.

CUNHA, Larissa Carreira; FILHO, Otacílio Amaral. **Comunicação e Software Livre para Desenvolvimento Sustentável: Reflexão teórica e ética sobre a Amazônia**. *Workshop de software livre*. Porto Alegre, 2013.

DEMO, P. **Pesquisa Participante: saber pensar e intervir juntos**. 2ª ed. Brasília: Liber Livro, 2008.

DOWBOR, Ladislau. A organização de iniciativas locais. In: **Desafios da economia solidária**. Org. Le monde diplomatique. 1ª edição. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2008.

FILHO, Isaac Fernando Ferreira. LUNA, Carlos Eduardo Falcão. Práticas colaborativas em torno do comum: estudo de caso do movimento concha ativa. **Revista Lugar Comum: estudos de mídia, cultura e democracia**. Rio de Janeiro: UFRJ. Mai/Ago, 2014. pp.85-95.

FRANCO, Augusto de. Desenvolvimento local e integrado: 10 consensos. **Revista Proposta**, n.78, pp. 6-19. São Paulo, Setembro/Novembro, 1998.

GADOTTI, Moacir. **Economia solidária como práxis pedagógica**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

JARA, Carlos Julio. **A sustentabilidade do desenvolvimento local**. Brasília: IICA, 1998.



[HTTPS://PERIODICOS.UFPE.BR/REVISTAS/RURALURBANO/INDEX](https://periodicos.ufpe.br/revistas/ruralurbano/index)

JATOBÁ, P. H. **Desenvolvimento de Ambientes Virtuais de Aprendizagem e Gestão Colaborativa: Casos de Cultura Solidária na Economia Criativa**. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento e Gestão Social da Universidade Federal da Bahia. 202 p., 2014.

JATOBÁ, Pedro Henrique; VILUTIS, Luana. Produtora Cultural Colaborativa. Recife: Revista **EXPOIDEA**. 2010, v.1 n.1 2010. Disponível em: http://issuu.com/expoideafeiradofuturo/docs/revista_expoidea_2010>, acessado em 26 de agosto de 2015.

JESUS, Paulo de. Verbete: Desenvolvimento Local. In: CATTANI, Antônio David. (org.) **A outra Economia**. Porto Alegre: Veraz, 2003.

LIPIETZ, Alain. O local e o global: personalidade regional ou inter-regionalidades? In: **Espaços e Debates: revista de estudos regionais e urbanos**, Ano XIV, nº38. São Paulo: NERU, 1994.

LUCK, Heloísa. **A gestão participativa na escola**. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Vozes, 2008. Série Cadernos de Gestão.

LUNA, Carlos Eduardo Falcão et. al. **Coralizando: um guia de colaboração para a economia criativa**. Disponível em: <http://corais.org/coLABOR>>, acessado em 26 de agosto de 2015. Versão 1.2, 12/03/2015.

MILANEZ, Francisco. Verbete: Desenvolvimento Sustentável. In: **A outra Economia**. Org. CATTANI, Antônio David. Porto Alegre: Veraz, 2003.

PARO, Vitor Henrique. **Administração Escolar**: introdução crítica. 14ª edição. São Paulo: Cortez, 2006.

PASSOS, Cristiano. **Cobertura da IV Expotec CRC Marista**. Recife, 2014. Acessado em 26 de maio de 2016. Disponível em: <http://iteia.org.br/videos/cobertura-da-iv-expotec-crc-marista>.

OLIVEIRA, Francisco de. **Aproximações ao enigma: o que quer dizer desenvolvimento local?** São Paulo: Pólis, 2001.

REGALA, Gustavo. A moeda social e o fortalecimento do espaço diferencial das periferias. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Recife, vol. 19, nº2, p.267-287, Maio -Ago, 2017.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 14ª edição. Rio de Janeiro, São Paulo: Editora Record, 2007.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. 1ª Edição. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.